

Cinema

(09-11-2020)

André Moniz Vieira

Olá a todos, muito bem vindos a esta discussão, a este debate sobre o cinema, através do Funchal Cultura 2027, na próxima hora estaremos aqui a discutir de tudo um pouco, que o cinema tem para ser discutido, não é, temos aqui já alguns pontos a abordar, mas antes de mais, apresento os meus colegas de hoje, Javier Santos, Pedro Pão, Carlos Melim, Bernardo Nascimento e eu sou o André Moniz Vieira. Vou ser o moderador desta conversa e passo a palavra ao Javier para fazer uma pequena apresentação daquilo que que faz.

Javier Santos

Muito bem. Vou-me apresentar rapidamente, primeiro quero também agradecer o convite feito pela Câmara Municipal e pela organização também daqui da candidatura para o Funchal 2027.

Bem, quem sou eu, Javier Santos. Eu aqui na área do cinema, fui um dos co-fundadores do Shortcutz Funchal, para quem não conhece, e rapidamente os Shortcutz Funchal são um evento de promoção de curtas metragens, principalmente novos realizadores de preferência portugueses, ou de filmes realizados ou produzidos em Portugal. Está espalhado em várias cidades, esta rede de eventos, de exibição de curtas metragens, está espalhado em todo o país e também está fora do país, e o Funchal há cerca de 4 anos, vai fazer 5 anos em janeiro que tem este evento de forma regular, mensalmente, com uma amostra de filmes tanto nacionais, como estrangeiros, para além disso, de ser um dos co-fundadores do evento, também estou muito ligado

ao associativismo, eu estive muitos anos ligado ao associativismo e a ongs a nível internacional, trabalho na área de comunicação e publicidade, continuo a fazer isso, e sou uma amante de cinema, seja ele qual for, e neste momento também estou a realizar e a produzir uma curta metragem, documentário com o Rui Dantas Rodrigues.

André Moniz Vieira

Muito bem, passo agora a palavra ao Pedro Pão.

Pedro Pão

Ora muito boa tarde, muito obrigado pelo convite, para estar aqui para falar convosco sobre cinema, e uma boa tarde a todos os outros participantes. Sou o Pedro Pão, e eu a nível de cinema, trabalhei a partir de 2013 com o Madeira Film Festival, continuando assim numa espécie de gosto e interesse pela área do cinema, que foi finalmente proporcionado o contacto bastante importante, nesses anos que passei pelo Madeira Film Festival, fazia desde coordenação, workshops, palestras, colaboração em programação, legendagem, traduções, trabalhos muito divertidos que formaram-me imenso e foram bastante importantes, principalmente, como já disse, no contacto com pessoas da área. A partir daí, e tendo em conta a carga de trabalho que é um festival para ter cinema uma semana no ano, eu e a Elsa Gouveia, que era co-produtora do Madeira Film Festival, tínhamos uma ideia de, porque não trabalhar provavelmente o mesmo, mas ter cinema com mais frequência, e aí surgiu os Screenings Funchal em 2017, e começamos, numa forma para perceber, como é que o público reagia à oferta nova, que já não havia na cidade do Funchal há alguns anos, começamos com um filme por mês, e depois em setembro, percebemos que provavelmente isto funcionaria com

mais frequência, e saltamos para um filme por semana, a partir de outubro, saltamos para quatro filmes por semana, e temos mantido essa sequência até à data. Os Screenings Funchal traz, para quem não sabe, cinema independente e de autor, ao Funchal, temos promovido alguns eventos dentro do possível, convidado autores, realizadores, palestras, e estamos aqui para promover o cinema e fazê-lo chegar na forma mais maravilhosa para mim possível, que é na sala de cinema.

André Moniz Vieira

Muito bem, passo a palavra agora ao Carlos Melim

Carlos Melim

Olá, boa tarde, e obrigado pelo convite para estar aqui hoje a falar convosco. Antes de mais é um prazer estar a falar com estes colegas que eu também começo a conhecer um bocadinho mais do percurso deles, e a conhecer a cara de alguns, o Bernardo não conhecia a cara, já conhecia o trabalho dele, conheço agora a cara, também é bom e antes de mais quero dar os parabéns ao Javier pelo novo projeto e coragem, dar os parabéns também ao Pedro Pão, porque eu conhecia o projeto do screenings mas não conhecia a dimensão que ele tem atualmente, não fazia ideia da dimensão que tem, também comecei à cerca de seis meses, um projeto do género, e sei o trabalho que isso dá, e portanto dar-te os parabéns por aquilo que vocês têm feito, e conseguir esse nível de projeções mensais com a qualidade dos filmes que vocês têm levado aí à Madeira, é um trabalho muito muito difícil, e acho que é de te dar os parabéns, e de louvar o que tu e a Elsa têm feito.

Pronto, falando agora um bocadito de mim, eu sou realizador, estou em Lisboa desde 2010, fui *freelancer* durante alguns anos em Lisboa, depois comecei a fazer algumas curtas metragens, em 2013 fiz a minha primeira curta metragem e fiz uma série de curtas metragens depois disso, e decidi nessa altura criar a minha própria produtora que se chama Criarte e a produtora tem sete anos e cá estamos, a passar uma fase difícil como todos estão, devido a esta pandemia, mas cá estamos na luta e temos feito televisão, publicidade, corporativos, pronto, e é isso.

André Moniz Vieira

Passo a palavra agora ao Bernardo Nascimento, Bernardo, força.

Bernardo Nascimento

Viva, obrigado também pelo convite, é um prazer estar aqui convosco à conversa, o meu nome é Bernardo Nascimento, escrevo, realizo e produzo, as últimas duas quando posso, a primeira, sempre, apesar de ter nascido em Lisboa, cresci na Madeira, os meus pais são Madeirenses, mas acabei por saltar, ali a partir dos 18, tive muitos anos fora, entre Paris e Londres, e agora vivo outra vez em Portugal, e dou aulas na ESAD ao curso de teatro que é aqui nas Caldas da Rainha, que é de resto onde estou e penso que isto resume a coisa.

André Moniz Vieira

Ora bem. Eu sou o André, sou cineasta, fotógrafo, e vídeo artista, já fiz algumas curtas metragens, desde 2017 que fundei um grupo de jovens cineastas madeirenses, chamado Pop Sex Studio , trabalhamos

essencialmente com temáticas mais esotéricas, mais obscuras, mais ligadas ao universo emocional do ser humano, e através do experimentalismo e de alguns documentários, expomos os nossos trabalhos por alguns festivais de cinema. Atualmente estou a trabalhar numa série documental de música, chamada o *Funk Together* onde vinte músicos juntaram-se para fazer arranjos de *funk* cá na Madeira e também faço conteúdo online, sou *host* de um projeto chamado Relampada, que é uma espécie de *podcast* misturado com *talkshow*, onde expomos e conversamos sobre a cultura que passa sobre a ilha da Madeira. Também faço parte da nova equipa do ShortCut \Funchal, que a convite do Javier posso estar agora a organizar, juntamente com os meus colegas, essencialmente, é isto da minha parte.

Vamos dar agora início à conversa, o primeiro ponto que vamos tocar é no *streaming*, e todos já sabemos que o futuro é para aqui que caminha e a minha pergunta para arrancarmos com esta discussão vai para o Carlos, é no *streaming* que os cineastas devem apostar grande parte das suas fichas, é uma prova que o cineasta agora tem de ir de encontro ao público e não vice versa?

Carlos Melim

Eh pá, começas logo por mim, não sei porquê, se calhar eu vou ter uma resposta diferente do que toda a gente está à espera, porque eu gosto de fazer cinema para o público, não vá crítica, eu gosto de fazer cinema para o público e acima de tudo, e posso-te dizer, porque felizmente, já tive essa experiência várias vezes, a melhor coisa que pode acontecer, é tu veres a reação do público a um filme teu numa sala de cinema, e isso, o *streaming* vai tirar por completo, e eu preferia não perder isso, para mim, mil vezes, continuar a fazer cinema para a sala de cinema e para ver a reação do público *in loco*, do que fazer cinema para *streaming*. Eu sei que esse é um

caminho, se calhar o caminho do futuro, mas eu sinceramente, gostava muito que não se perdesse o outro caminho, acho que o outro caminho tem muito mais valor, acho que esta era digital, não só no cinema, mas em tudo, faz-nos ser um pouco mais desligados e eu gostava de conseguir contornar isso e com o meu cinema, continuar a ter uma ligação às pessoas, acho que isso é que é interessante na humanidade, interessante em nós, esse convívio, essa troca de emoções, que se perde completamente de eu fazer um filme para a Netflix ou para a HBO, e não faço ideia do que é que as pessoas estão a achar do meu filme, se gostaram, se não gostaram, portanto, eu sinceramente, as plataformas têm o seu espaço, é verdade, apesar da realidade em Portugal, como todos nós sabemos é muito diferente do país vizinho, de Espanha, não é, produzir para a Netflix em Portugal, zero, toda a gente sabe, não me parece, que para já para já, seja uma grande aposta, sinceramente, seja um grande tema de conversa sequer, não me parece uma realidade neste momento.

Bernardo Nascimento

O que é que não é uma realidade neste momento? Desculpa eu interromper.

Carlos Melim

Produzir para a Netflix em Portugal.

Bernardo Nascimento

Estou inteiramente em desacordo consigo, amigo.

André Moniz Vieira

Passamos agora a bola ao Bernardo, para saber qual a opinião dele.

Bernardo Nascimento

[?] Com certeza que nos trataremos todos por tu.

Vamos por pontos, eu acho que o futuro é agora, portanto, já está. Eu filmei em película, muito, e gostei, e quando entrou o digital, é pah, isto é como na televisão, já não podemos dizer filmar, temos de dizer gravar, era quase uma descida de *pedigree*, passar [?] digital em vez de 35, e depois é preciso acompanhar, e as coisas para lá caminharam e a gente hoje em dia filma em película por luxo, por capricho, vá. Portanto, eu percebo muito bem o que o Carlos diz, e também me preocupa um pouco a desmaterialização da relação entre o criador e o público, por outro lado, eu não estou presente em todas as salas em que um filme meu passe, e não estou sempre lá a ver a cara das pessoas. Cada vez que vejo essa reação, é de facto uma experiência muito válida, e isso é muito verdadeiro em teatro, sem dúvida, mas o mesmo filme pode estar a passar em centenas de salas ao mesmo tempo, numa noite, no planeta, e não estou a falar no *streaming* ainda, imaginemos no cinema, e o realizador só vai estar num do sítios, não é, portanto, a ideia que o filme é vivido e consumido e que o realizador não tem acesso à experiência que as pessoas estão a ter já existia, antes do *streaming*, agora quando existe no *streaming*, para mim não será tanto um problema, e mais, o tipo de contacto através das redes sociais e as reações que as pessoas têm, eu já tive tanta reação ao meu filme, há um que o viu no Japão, e depois manda-me um email, ou manda-me uma mensagem, isso é uma coisa dos tempos modernos, e é uma forma nova de contacto. Portanto, eu discordo, eu percebo a ideia, a essência do que está o Carlos a dizer, mas eu discordo que a relação realizador/público, com a importância que ela possa ter, para

mim e para o Carlos, talvez não sejam exatamente a mesma, mas partindo do pressuposto que é a mesma, eu discordo que a forma digital de consumir cinema, sem ser na sala, seja um passo no sentido de matar essa relação entre o autor e o consumidor da obra.

Carlos Melim

Eu não quero ser mal interpretado, eu estou a falar da minha realidade e aquela que eu sinto. Se o Bernardo, põe o filme dele a passar em cem cinemas ao mesmo tempo, é a realidade do Bernardo, eu nunca tive em cem salas ao mesmo tempo, estou a falar da minha realidade, e não estou a pôr de todo o *streaming* de parte, estou a falar na realidade, que é a realidade de Portugal e se tiveres tu a produzir para a Netflix, diz-me que isso seria uma grande novidade e seria uma luz ao fundo do túnel, para mim e para o setor em Portugal, estás a perceber, era isso que estávamos a falar.

Bernardo Nascimento

Há muitas coisas a acontecer, não é uma...

Carlos Melim

Mas são coisas muito pequenas, estamos a falar de produções de guiões, de apresentar propostas, mas que as coisas não ganham efetivamente vida, não é, estamos a falar de realidades diferentes.

Javier Santos

Então eu vou-me meter aqui pelo meio.

Relativamente ao que tu estavas a dizer do investimento das plataformas em produção nacional, até agora não tem havido nada, mas parece que há aqui uma série de acordos que estão supostamente a acontecer, eu não sei qual a realidade neste momento, e por enquanto, é como tu estás a dizer, por enquanto tem sido só pequenas produções e pequenas coisas que têm avançado, agora a ideia seria que houvesse um investimento maior, mas eu penso que esse investimento, por parte das grandes plataformas, vai ser muito mais complicado tendo em conta que há um mercado espanhol que é muito mais apetecível, e muito mais atrativo para eles do que o nosso mercado, que é muito mais pequeno, e aí, lá está, nós estamos sempre em competição com estas realidades. Agora relativamente a este campo, também não consigo estar a falar muito mais, relativamente ao *streaming*, se é o futuro, eu concordo com o Bernardo quando ele diz que é uma realidade, porque é assim, nós, e então atualmente puxando para a situação atual da pandemia, se não fossem as plataformas *streaming*, muitas produções não tinham avançado e teriam problemas muito graves em termos de rendimento, e não iam ter espetadores, porque se fosse só nas salas, ia acontecer isso, e eu percebo que para pequenas produções, e aí continuo a dizer, eu sou a favor também de haver visualização de um filme em sala, ou seja, sala ou em pequenos acontecimentos, é importante sim, para, principalmente realizadores que trabalham para um mercado mais pequeno, para nichos, etc, e existe essa necessidade, pede-se um pouco a magia, e o ritual de ir ao cinema, eu acho que todos nós gostamos desse ritual e todos nós sentimos a falta disso, eu digo-vos, eu tive um filho à pouco tempo, dificilmente consigo ir ao cinema e tenho uma saudade enorme de sentar-me numa sala para ver um filme, e isso acho que não vai deixar de acontecer. O *streaming* trouxe algo que é, abriu espaço para vermos coisas que às vezes era muito difícil de vermos, principalmente numa região como o Madeira, em que nem tudo chega, e que nem tudo é possível ver, e que temos a possibilidade com

as plataformas existentes, ver algumas coisas que até então eram impossíveis, dou-vos muitos exemplos.

Eu acho que as duas realidades podem existir, coexistir e vão continuar a existir, não é que seja o futuro só o *streaming*, porque as salas vão continuar a existir, há sempre aquela magia da sala, igualmente há sempre gente que vai filmar com fita, e com a era digital tá aqui, e todos aqui trabalham maioritariamente com o digital, por isso, eu penso que estas duas realidades estão bem presentes, o *streaming* tem ganho muito terreno, mas não veio para deitar abaixo o cinema mais tradicional de sala, eu penso que vamos continuar, talvez vamos é optar de forma diferente a visualização de filmes em sala, vamos ser mais seletivos, talvez, penso eu.

Pedro Pão

Posso agora continuar o raciocínio do Javier... É o seguinte, em relação ao Carlos e ao Bernardo eu concordo com ambos, mas eu já vou aí, vou continuar com o raciocínio do Javier, em relação ao *streaming*, e à continuação em sala.

Vocês provavelmente devem ter ouvido falar no estudo que saiu da National Association of Theatre on Earth nos Estados Unidos, em que primeiro em 2018, era intitulada The relationship between movie theatre attendance and streaming behavior, [?], sei que isto é nos Estados Unidos mas eu tenho aqui mais uma nota sobre um trabalho semelhante na Noruega e já falamos sobre eles.

Eu concordo precisamente com o que o Javier está a dizer, o *streaming* tem uma função, que me parece muito importante, que é, levar cinema a lugares onde não é possível, não há uma sala, ou interior ou a zonas que estão fora dos grandes polos culturais que nós sabemos em Portugal que estão praticamente limitados a Lisboa, Porto, Coimbra, e talvez, pah, vamos incluir

o Funchal, ok, o *streaming* é importante para isso. Em relação a hábitos de pessoas, há a ideia, que me parece errada, que o *streaming* está a roubar público aos cinemas, o que eu acho que é falso, e se for a ver algumas notas que eu tenho sobre este estudo de 2020, que foi feito em dezembro de 2019, as pessoas que mais vão ao cinema, são as pessoas que mais consomem conteúdos *streaming*, isto é claro, e isto é um resultado que se mantém quase estáticos, desde os últimos dois trabalhos semelhantes, a maior parte das pessoas que não visitaram o cinema nos últimos dois meses, quando o estudo foi feito, não fazem qualquer tipo de *streaming* de conteúdo, ok, de todos os que não visitaram um cinema, nos últimos doze meses, apenas 24% é que fizeram conteúdo de *streaming* online por oito ou mais horas por semana, e ainda dentro do que é consumido no *streaming*, nós ainda temos as séries, que ocupam quase 44%. Portanto, o cinema acho que está muito bem de saúde, e convive muito bem com o streaming, e saltando agora só para a Noruega, existe um trabalho muito interessante e que fala, talvez demasiado técnico sobre também os métodos de distribuição e produção, que é *How streaming service make cinemas more important, lessons from Norway*, o que ele tira deste trabalho, é uma conclusão muito simples, que é, a nível de rentabilidade dos filmes, nas plataformas de *streaming* não estão a ser assim tão rentáveis para produções locais, portanto, os realizadores locais de filmes locais, continuam a preferir ter os seus filmes nas salas de cinema, pronto, o *streaming* não está, nem a nível de rentabilidade, nem está a criar um incentivo assim tão grande para deixarmos de ir às salas de cinema, o consumo, tanto de filme em *streaming* nunca foi tão alto, portanto, a nível de *streaming*, eu acho que o futuro é agora, as coisas amanhã não sei como é que vamos estar, as salas de cinema estão aflitas, mas isso já falamos mais para a frente, o *streaming* acho que dá um equilíbrio muito complicado entre um e outro, e acho que as pessoas que consomem fortemente cinema e isto sem falar se é cinema no

telemóvel, se é cinema, vamos supor que tudo é cinema, as pessoas que o consomem num sítio, são as que mais consomem no outro. Houve um aumento nas subscrições [?] de quase 400%, ok, porque as salas de cinema fecharam, será que esses subscritores todos ainda estão ligados à [?], eu tenho algumas dúvidas, portanto, acho que esse equilíbrio continua a tender para o lado dos cinemas. Em relação ao Carlos e ao Bernardo, eu concordo com o Bernardo quando ele diz que a comunicação com o público, adotou também as novas formas que temos disponíveis, mas concordo principalmente com o Carlos em que a experiência de tar ali com o público e com o cinema, e eu já tive oportunidade de ver muitos realizadores, o cuidado que tinham nas sessões de teste, para ter a certeza que o filme naquela sala vai chegar ao público, exatamente da forma que eles querem que chegue, e eu não sei se isso no *streaming* é possível, sem entrar em coisas muito técnicas, aquela porcaria daquele modo interpelação vertical, sei lá, não me lembra o nome daquilo, das televisões, já estraga completamente completamente, por isso é que há vários realizadores que querem o modo de cinema para as televisões todas modernas, xpto, poderem passar os filmes como eles querem que o vejam, e não como a tecnologia quer que a gente veja as cores e o contraste, e isto e aquilo...

André Moniz Vieira

Exato. Eu partilho da opinião do Javier e também um pouco de todas as opiniões que foram aqui partilhadas, eu acredito que isto, tudo o que é coisas novas a aparecer, há sempre uma resistência de alguém, ou por alguma coisa, mas primeiro estranha-se para depois de entranhar, não é?

Carlos Melim

Eu acho que há aqui um mal entendido, eu não sou o velho do Restelo que estou contra o *streaming*, fizeste uma pergunta, e eu se tivesse de escolher, aliás, o que eu disse, nem tenho de escolher, eu disse-te o quanto para mim, era importante o cinema na sala de cinema, não disse que o *streaming* não era o futuro, o *streaming* não era o hoje, como o Bernardo veio dizer, o *streaming* para mim é o hoje, eu consumo *streaming*, consumo Netflix, consumo tudo, estás a perceber? [cortes no som] isto às vezes é fácil falar e é fácil falar à distância sem conhecimento de causa, não é, e é muito fácil falar daquilo que vemos, e outra é aquilo que sentimos. E eu estou a falar da minha experiência própria, que é a minha e só a minha, não é de mais ninguém, e as dificuldades que tenho tido, em fazer uma produção para uma plataforma de *streaming*, por acaso, até felizmente, estou num processo muito avançado para uma plataforma, que por acaso não é a Netflix, mas estou com um processo muito avançado, prestes prestes a vender uma série para uma plataforma de *streaming*, mas eu sei o quanto esse processo é muito difícil, e a mim, fico surpreendido, de saber que há produções em andamento para a Netflix, porque não tenho conhecimento de nenhuma, e tudo muito em cima do assunto. Mas não sou de todo, e acho que estou um bocado, expressei-me mal se calhar, ou foi um mal entendido, não sou de todo contra o *streaming* ou contra as plataformas de *streaming*, agora se me perguntares, se prefiro que vejam o meu filme através da Netflix, ou se prefiro que vejam o meu filme numa sala, prefiro numa sala...

André Moniz Vieira

Como eu também tenho a mesma opinião, Carlos, não estou a dizer ao contrário, aliás, eu talvez fui também mal interpretado no aspeto de não era diretamente ligado a ti, que estava a dizer que primeiro estranha-se para depois entranhar-se, não, aliás, eu acredito que como cineasta que sou, e

como tu és também, logicamente nós queremos proporcionar a melhor experiência possível para o nosso público, e a realidade é que numa sala de cinema é o ambiente perfeito para se ver um filme.

Carlos Melim

Eu acho que isto é tudo uma fase, é como quando apareceu a televisão, a rádio ia morrer, quando aparece o não sei quê, o outro vai morrer... Eu acho que nada vai morrer, tudo vai continuar a ter o seu espaço.

André Moniz Vieira

Eu penso que a preocupação de algumas pessoas, e até um pouco minha, mas talvez estou a pensar um bocado errado é que se banalize a experiência de ver um filme, através destas plataformas, é mais nesse aspeto, já não há o ritual, já não há portanto a vontade de ir a um sítio, apenas e exclusivamente para ver e sentir o filme.

Bernardo Nascimento

Aí, aquilo que me parece, eu penso, por acaso, eu estou convencido que a minha experiência e a do Carlos, são talvez bastante mais semelhante, do que se possa pensar, andamos todos a batalhar para tentar ter os nossos conteúdos na melhor plataforma possível, seja ela, sala ou um ecrã, para proporcionar ao espetador a melhor experiência possível, isso quer-me parecer que a luta é bastante a mesma. Aquilo que me parece importante ressaltar, e aí, chamem-me velho do Restelo, eu assumo isso, é de facto a experiência em sala, então se for ver uma cópia em 70mm, ou super 35 de um filmaço, numa sala que seja capaz de mostrar isso, é uma coisa que

aliás, depois até podemos começar a hierarquizar salas de cinema, eu sei, eu vi um filme meu passado em salas fantásticas e depois em salas muito fracas, e são experiências completamente diferentes, acho é que é preciso, e eu estou aqui como produtor de conteúdo, eu não produzo os eventos, em que os filmes são partilhados e consumidos, eu escrevo, realizo e produzo, é aquilo que faço, e acho que tenho a obrigação de escrever a pensar também nessa nova forma de partilha e nessa nova forma de chegar ao público e eu acho que ela trás uma série de coisas muito positivas, portanto se me disserem a experiência do espetador, em sala, é melhor do que aquela que terá em casa, na maior parte das vezes sim, se comparares com um telemóvel, que um gajo vai no metro a ver um filme, se eu prefiro isso ou numa sala, eu prefiro numa sala, mas se um gajo está a ver um filme, com um mix de som muito mau, numa sala de cinema desfocada, ou está em casa com um home cinema em condições, é pah!.... Eu penso que também vai começar a acontecer a qualidade da projeção em casa, está-se a democratizar, cada vez é mais possível veres bom cinema em tua casa, nunca é um ecrã assim, nunca vais deliberadamente o teu filho chora, vais buscar uma cerveja ao frigorífico, no cinema não há isso, e esse foco é fantástico, e eu sou, gosto disso como qualquer um de vós, acho é que o *streaming* não veio matar isso, e no limite agora estamos todos de acordo, o *steraming* é uma outra forma, eu penso que vai empurrar a experiência do cinema para um nicho muito particular e específico, e duvido que o consumo em *streaming* não coma mercado e eu conheço outros números, não acaba por comer mercado às salas de cinema, mas em streaming, aquilo que é consumido, muito mais do que filmes, são séries, e as séries não passam nos cinemas, ou seja, há formatos que em si não estão para as salas, não são para as salas, portanto estamos a falar de *streaming* versus salas de cinema e se calhar devíamos falar em *streaming* versus televisão, e aí é um bicho completamente diferente, ninguém vai [?] para o cinema, e nesse

sentido, as plataformas começaram por ser exclusivamente de distribuição e depois começaram a investir nos conteúdos, e começaste a ter, os grandes produtores de conteúdos, quem metia capital a sério nos conteúdos, esse shift, essa mudança passou dos grandes estúdios, para as próprias distribuidoras, falo de Netflix, e HBO, e Disney plus, e etc., portanto, são parceiros absolutamente incontornáveis, aliás, o Carlos saberá, eu penso que nós temos as experiências mais próximas nós os dois, é o tipo de parceiro de que estamos todos à procura entre aspas, de uma forma muito objetiva são os *players* que interessam neste momento, portanto, eu acho que as experiências são absolutamente comutativas, para mim, uma não veio matar a outra, veio trazer novas coisas.

Javier Santos

Também há aqui uma série de coisas que estão associadas, que são os custos de produção, e etc. que se formos a olhar para distribuir um filme por cem salas, não é a mesma coisa que passar um filme numa plataforma on-line, lá está, isto depois há aqui várias coisas que estão por trás do que é o filme em si, e daquilo que é o objetivo das produtoras em termos de rendimentos daqueles filmes, não é, que ao fim ao cabo, também está aqui atrás um negócio, e nós temos que olhar isso, também nesta vertente, lá está, há coisas que são de consumo rápido e precisam de... são feitas para ter um rendimento x, e há coisas que são feitas para um rendimento e para que sejam visualizados de uma forma h, acho que há espaço para tudo, como todos estão aqui a dizer, e foi isso que também defendi no início, há espaço para todos e principalmente aqui se formos a falar de público, o público também procura experiências diferentes, há filmes que eu prefiro ver no cinema, e recuso-me a ver em *streaming* ou mesmo na televisão, eu dou esse exemplo, que depois perde-se, por muita qualidade de som que tu

tenhas em casa, ou por muito que tenhas um bom projetor, etc., ou uma boa televisão, perdes a essência ali, perdes alguma dimensão da forma como aquele filme foi feito, e há coisas que eu me recuso, este ano aconteceu, um filme que eu queria ver na sala, não consegui ir à sala, e não vou vê-lo em dvd, até um dia ver se voltam à sala e vejo o filme, porque lá está, é tudo uma experiência que está por trás, que às vezes nós também queremos, e o público também acaba por decidir. Lá está, nada disto vai morrer, não há um que vai ganhar ao outro e como o Bernardo disse e bem, o grande consumo das plataformas são séries, e elas estão muito desenhadas para esse tipo de conteúdo, tendo em conta o número de episódios e o tempo que nós conseguimos estar a ver e estar dentro das plataformas, que o objetivo deles é, quanto mais tempo ficamos lá embrenhados, melhor. Por isso, também em termos de filmes, ganhamos uma projeção maior, ganhamos muitas vezes visibilidade em zonas que não há possibilidade de ver alguns conteúdos, e eu nisso agradeço imenso a possibilidade de nós termos plataformas para conseguir ver conteúdo que não chega, por exemplo, aqui à Madeira, infelizmente não chega, porque são produtoras mais pequenas e não têm a capacidade muitas vezes de chegar a muitas salas e por outras questões que não são essas também, e ainda bem que elas existem porque assim conseguimos ver produto, conteúdo que é assim que se chama, de qualidade que infelizmente não temos acesso em algumas salas.

André Moniz Vieira

Muito bem, vamos então passar ao segundo ponto da nossa conversa, lembro também às pessoas que estão-nos a ver através do facebook live, que estejam à vontade para fazer as vossas perguntas no chat, nós estamos atentos a isso, se tiverem alguma pergunta, façam-na, que nós respondemos.

O segundo ponto é financiamento do setor.

A industria em Portugal, é muito pequena, senão inexistente, ao contrário dos nossos vizinhos espanhóis. Porque é que isto é assim?

Bernardo Nascimento

Se fosse inexistente estavas a falar sozinho.

André Moniz Vieira

A industria, comparativamente aos nossos vizinhos espanhóis, porque será?
Bernardo, queres começar?

Bernardo Nascimento

Tudo o que nós temos, é sempre num ponto mais pequeno, é uma questão de escala, é simplesmente um país muito maior, depois é uma questão de hábitos de consumo a culturais, agora se quiseres ir à forma como a população nacional, passou de 70% no setor primário, para o setor terciário em muito pouco tempo, e como isso significa revela uma falta de hábitos de consumo culturais muito grandes e que estão a ser adquiridos agora, quando em Espanha estavam ser adquiridos umas décadas mais cedo, quer dizer, há todo um processo histórico que podes estudar, para tentar perceber a demografia da questão. Agora, se queres entrar, e se não quiseres entrar, entro eu em atalho, na velha questão entre o cinema nacional de autor, hermético, pouco acessível, e num cinema mais comercial, podemos entrar nessa conversa, na caracterização clássica que se faz do cinema nacional como sendo pouco feito para o público geral, acho que é uma conversa que já outros tiveram, com resultados suficientes, mas eu teria neste momento

um interesse muito grande, desculpa vou voltar a repetir, volto atrás, eu acho que temos possibilidades absolutamente fantásticas de começar a fazer coisas que podem ser consumidas de uma forma absolutamente massificada no mercado que agora se tornou acessível, voltamos às plataformas. Isso é que interessa, para mim, interessar-me-á mais o foco aí, porque se tu pensares, o primeiro filme em que eu trabalhei foi *O fascínio de José Fonseca e Costa*, em 2003, segundo me lembro teve 12500 espetadores no primeiro fim-de-semana, e pah, isto na altura foram uns números porreiros, para Portugal, se tu pensares, agora isso projetado noutros mercados, ou comparado com, é absolutamente pouco significativo, se eu for dar a minha opinião porque é que as coisas eram assim, também posso, um produtor em Portugal, durante muitos anos, dependia única e exclusivamente do [?], não havia investimento privado no cinema, portanto, os filmes eram feitos com um subsídio, o subsídio é curto, o produtor ainda por cima tem de conseguir aguentar a sua casa, e portanto, havia todo um esforço de comercialização, ou de marketing dos filmes, que não era feito, o dinheiro era para fazer o filme, o filme está feito, e depois estava feito mas muitas vezes não era promovido, e portanto, no que era a comunicação, e o marketing e à venda daqueles conteúdos diz respeito, pouquíssimo trabalho era feito, 0,5% do orçamento ia para aí, portanto, há filmes na lata que o público não faz ideia, portanto, como o retorno seria muito pouco, percebe-se um pouco, o produtor vai fazer um investimento grande comercial, e depois não sabe se tem esse retorno, é de negócio que estamos a falar como tu dizes, e bem. Então se esse retorno era muito difícil de acontecer, porquê fazer o investimento? E isto é um ciclo vicioso, isto foi a história durante décadas, na minha leitura muito muito simplista, a pensar que temos uma hora para conversar sobre isto.

André Moniz Vieira

Javier queres avanças?

Javier Santos

É assim, em termos de... pronto, lá está, eu acho que tem a ver aqui com dois pontos, e eu vou falar com parte da realidade que conheço, eu trabalho mais na parte de produção de eventos do que realização, só agora é que me estou a aventurar em pequenas coisas, mas conhecendo a realidade, sim, eu acho que, e o Bernardo tocou aqui num ponto muito importante, a maior parte das produções vivem do financiamento ??[[00:44:13]], viviam e acho que ainda continuam a viver atualmente, porque não há, bem agora já tem havido entrada de outros investidores no meio, mas mesmo assim, se formos a olhar para novos realizadores que querem entrar no mercado, muitos deles, vivem do financiamento que há, estatal, e se não houver, não conseguem fazê-lo porque os custos de produção são muito altos, dependendo daquilo que eles têm previsto. Agora, há uma coisa que não acontece, e se formos a olhar para mercados mais maduros, como o mercado espanhol, ou se formos a olhar para outro mercado que é o brasileiro, há um grande investimento, e aí acho que falta em Portugal, é de privados, empresas que apostem nesta vertente cultural e que apostem no cinema no Brasil, são inúmeros, é só começarmos a ver os filmes, que uma das primeiras coisas que aparecem são os apoios dos filmes, e aí vemos um rol de empresas a apoiar, grandes empresas, apoiar, eu sei que a realidade é distinta e até tinha dito anteriormente e o Bernardo falou também, é que há aqui uma coisa que é, o cinema é um negócio, há pessoas para pagar, há investimentos que precisam ser cobertos, e isso, tem que ser visto e ponderado, e muitas vezes os investidores, neste caso, ou os patrocinadores quando existem, ou os mecenas porque também existem, olham para isto,

tirando os mecenas, de que forma é que vou obter mais rendimento ou não, de que forma, ou o que é que vou ganhar com isto tudo. E isso acho que falta também. Mas isso é uma questão que é cultural e é de como é que o sistema está montado, porque eu sou a favor que deve haver apoio estadual, e das organizações públicas para a cultura, mas ao mesmo tempo, tem que haver aqui uma participação do privado, seja no cinema, seja no teatro, ou em outro tipo de produção cultural, e isso acho que ainda estamos num patamar muito abaixo do que estes dois exemplos, do que Espanha, como o Brasil, e podemos falar de outros em que está muito mais desenvolvido, em que há aqui esforços de várias partes. E lá está, depois tem outra parte, em que somos um país muito pequeno, e que temos também de olhar para essa realidade, embora que isso não nos impede de conseguir fazer mais, isso é também uma realidade. Isso é o espaço que eu consigo ver, e olhar em que as coisas , lá está, em termos de financiamento tem que mudar um pouco, e que vão mudando mas acho que não é, não conseguimos ver isto de uma forma muito palpável, o sumo é muito pouco, mas tendo em conta que o Bernardo no continente consegue ver isso, também o Carlos consegue ver isso em termos de produção, eu sei que existem imensas dificuldades, principalmente com o Carlos que já falamos sobre isto, é, às vezes é um esforço, conseguir por exemplo, produzir uma curta de qualidade porque exige uma equipa, mesmo que seja reduzida, exige bastante trabalho, e exige uma série de coisas por trás que às vezes não vemos e que se não houver financiamento ou é feito do nosso próprio bolso, ou porque as pessoas estão disposta a concretizar projetos, em pro bono, e isso numa fase inicial pode funcionar, mas a longo e meio prazo, e para quem quer trabalhar nesta área isso não funciona, nem existe. Mas eles melhor do que eu, conseguem mostrar essa realidade.

André Moniz Vieira

Carlos, quais dirias que são os maiores desafios nesta componente, na tua experiência pessoal?

Carlos Melim

Eu concordo com tudo o que foi dito pelo Bernardo e pelo Javier, mais uma vez, eu se calhar tenho uma maneira muito própria de pensar, mas de encontro aquilo o [?] estava a dizer, eu desisti também em parte de fazer cinema, porque nunca consegui financiamentos, e desisti de estar a pedir às pessoas para fazerem pro bonos, porque acho que isso não é justo e honesto, ninguém trabalha por pro bonos, e como também não conseguiam financiar os meus filmes, deixei de os gravar, portanto, tenho só feito trabalhos por encomenda, aquilo que me pedem, porque efetivamente não há esse apoio que estávamos a falar, o do estado não chega para todos, como o Bernardo estava a dizer, apesar de ser muito, chega sempre a muito poucos e chega quase sempre aos mesmos e eu também tenho andado lá, e tenho andado a tentar, e tentei agora, tentei para tudo, tentei para o desenvolvimento de um guião para uma longa, já tinha um guião de uma outra longa para o apoio à produção, pah, nunca chegamos lá, ficamos sempre lá para trás, para o fundo, enfim. Se podia haver investimento privado, eh pá, podia, devia é verdade, mas eu percebo também aquilo que o Javier está a dizer que quem quer apoiar e quem quer investir, também quer tirar retorno disso, não é, ninguém dá nada a ninguém sem querer receber qualquer coisa em troca, portanto também não sei muito bem onde podem estar as soluções e que caminhos é que podíamos seguir para isto melhorar, sinceramente.

André Moniz Vieira

No seguimento desta discussão, passamos para o ponto número três, como é que será, o setor do cinema e do áudio visual daqui a dez anos?

Pedro, queres avançar?

Pedro Pão

Sim, só uma nota em relação ao tema anterior, que eu não cheguei a falar, que é, não posso falar muito sobre o que é o financiamento, sei em primeira pessoa, como o Carlos e o Bernardo provavelmente sabem, mas já ouvi muitos desabafos semelhantes aos que ouvimos agora aqui. Uma coisa que eu já reparei, eu sei que Portugal tem uma dimensão pequena, mas também é verdade que tem havido coproduções muito interessantes em Portugal, que têm resultado em trabalhos muito bons, e há uma coisa que... houveram muitas curta metragens de países como Bélgica, Holanda e outros que não me lembro, os créditos quando começam a descer, o número de apoios institucionais, públicos, que às vezes miúdos, para projetos de finais de curso conseguem ter, é uma coisa que eu acho que em Portugal não acontece, haver dinheiro certamente poderia haver, há dinheiro para tantas coisas, e principalmente nesses novos projetos e novas obras, acho que era importante haver apoios em que nós, notoriamente numa sessão de curtas de um país que eu referi, numa curta metragem feita, o mais talentoso jovem realizador português, há uma diferença de qualidade, que não deveria haver pelo menos, por falta de apoio, não deveria ser a razão para ela.

Bernardo Nascimento

Diferença de qualidade entre o quê, e o quê, desculpa?

Pedro Pão

Entre uma curta metragem entre um jovem que acaba um curso em Portugal, e um jovem que acaba um curso dos outros países que eu referi, não deveria haver essa discrepância.

Bernardo Nascimento

Mas tu achas que há?

Pedro Pão

Eu acho que a nível técnico sim. Mas a nível técnico é uma discrepância que poderia não haver se houvesse os apoios que os outros têm.

Carlos Melim

Eu percebo o que o Pedro está a dizer, tal como disse estou com um projeto de um festival de cinema, e percebo aquilo que o Pedro está a dizer.

Eu acho que aqui, a grande diferença pode passar pelos jovens realizadores estrangeiros que saem de cursos, apostarem em equipas técnicas que não estão a sair de curso, malta que tem muito mais rodagem, para virem fazer os filmes deles, diretores de fotografia com grandes rodagens já, editor e não sei quê, enquanto a malta na tuga, é a malta toda da turminha que faz o filme toda junta, e depois o resultado final como é óbvio, não é comparável com alguns filmes estrangeiros, eu percebo o que tu estás a dizer.

Eu sei que o nosso tempo tá quase a acabar, eu acho que a nossa conversa, para seguir para um rumo mais interessante, porque estamos sempre a falar de coisas um bocado vagas, e que é tudo um bocado relativo e o que é a

realidade na Madeira, não é a realidade em Lisboa, e o que é em Lisboa não é em Espanha, e o que é em Espanha, não é nos Estados Unidos, e por aí além...

Eu acho é que podíamos aqui juntar ideias, e perceber de que forma é que se podia apoiar mais quem quer fazer cinema na Madeira, quem quer trabalhar no áudio visual na Madeira, tou a falar do Javier que está a tentar fazer um documentário agora, não é, e falar sobretudo para as pessoas que podem estar a ouvir, que são essas que acho que é o público do Funchal, não é, e jogarmos ideias para cima da mesa, do que é que pode ser feito a nível regional, para apoiar quem quer produzir na Madeira, não é só os realizadores e produtores, eu conheço uma série de atores que estão aí sem trabalho, ou fazem só uma peça de teatro de vez em quando, ou fazem um filme corporativo de vez em quando, o que é que se podia criar aí, para dar trabalho a essa malta?

Isso é que acho que poderia ser interessante, jogarmos uma série de ideias para cima da mesa.

Bernardo Nascimento

Uma escola de cinema.

Carlos Melim

Uma escola de cinema?

André Moniz Vieira

Concordo

Bernardo Nascimento

Academia, academia, academia, educação, educação, educação. Tu achas que se o conservatório não tivesse lá, não tivesse feito o papel que tem feito, não vou agora qualificar quando é que foi melhor, quando é que foi pior, e como é que podia ser melhor, ou como é que... nós tínhamos a cultura que se tem, há todo um trabalho a nível da música popular, que curiosamente se cruza com as pessoas do conservatório, mas o..., eu falei disto numa conversa anterior e as pessoas acharam que era uma ideia um pouco estranha, não só os locais, como podia fazer uma atração de outras pessoas, eu tenho um irmão que trabalha em som, em pós-produção de som e foi para Curaçau dar aulas de som numa faculdade lá, Curaçau é na outra ponta do mundo, e tinha alunos de todo o lado. Mesmo que numa escala pequena se pudesse começar a trabalhar uma proposta de academia para essa área, da mesma forma que temos as várias escolas de música, cristalizadas, num símbolo que é o conservatório, mas há outras, aí, mas esta é uma forma de comunicar, os miúdos hoje em dia têm uma noção dos códigos e do que é que é comunicar em imagem, que nós não tínhamos, eles sabem o que é que o [?], eles têm noção quando é que estão contra iluminados ou não, os miúdos novíssimos, eles têm um domínio dos elementos desta sintaxe que nós não tínhamos de todo, e cada vez mais comunicam dessa forma, e há miúdos que vão para o youtube, e eu penso que da mesma forma que se ensina outras formas de expressão, era cadeiras nos liceus e depois idealmente, é uma coisa mais complicada de fazer num espaço com uma população que não é grande, não é, mas era fundamental trazer isso para dentro da academia, na minha opinião.

Eu penso que isto é gerador de posto de trabalho.

Javier Santos

Eu acrescento mais uma coisa, que também vou puxar a brasa à minha sardinha, é que para além disso, e depois nós estávamos aqui a conversar em off, antes de começarmos, é esta parte também dos eventos, criarem o público, porque lá está, estamos nos screenings atualmente, que todos os meses, ou todas as semanas, passam filmes. Os Shortcutz que todos os meses também aparecem, passam curtas metragens que é num circuito que é completamente desconhecido à maior parte das pessoas aqui na Madeira, os ciclos de cinema na Ponta do Sol, etc, etc, são coisas que não iam acontecendo, e neste momento já estamos a criar público, e público interessado, se estamos a trabalhar com um nicho, atualmente, sim, trabalhamos, mas estamos a criar público. E esta criação de público e criação de polos onde se possa desenvolver mais trabalho, porque isso é o que tenho visto, e o que tenho visto atualmente, vocês são um exemplo, eu conheço melhor o trabalho do Carlos, e de outras pessoas que estão no continente, eu dou-vos aqui, para preencher uma mão, de pessoas da Madeira que se fixaram no continente, e que trabalham e tentam produzir filmes, sejam eles longa metragem, ou curtas metragens, que estão lá e não estão cá, porque há mais oportunidades e conseguem também ter mais espaço de aprendizagem aí. Havendo alguma coisa aqui nesse sentido, tentarmos captar e também ficar com essas mesmas pessoas a produzir e a trabalhar por cá, porque eu acho que muitas vezes, e eu lembro-me de uma vez que fomos apresentar o Shortcutz à Universidade da Madeira e partilho aqui com todos, que estivemos lá a apresentar, a explicar o que é que era o Shortcutz e isto era à turma de multimédia e eles não tinham interesse nenhum e diziam assim, há a gente nunca vamos produzir nada de interesse, porque temos estas máquinas, que não fazem nada, e os outros produzem com grandes máquinas, e as pessoas têm muito a ideia que um bom produto

só é feito se tiveres a máquina x y z, se tiveres uma [?], se tiveres o microfone x ou o [?] etc etc, e não é isso na verdade, o que vale aqui são as ideias, e saber trabalhar, e saber os conceitos como tu estavas a falar Bernardo, e é isso, que falta aqui um pouco esse trabalho de educação, este trabalho de formação, não só de novos realizadores, ou produtores, ou pessoas ligadas a esta área, mas também precisamos trabalhar e formar públicos, tem-se vindo a fazer aos poucos, eu fico muito contente de ver uma série de eventos a acontecer, de cinema que há uns anos atrás era impossível ver no Funchal e na Madeira, e que atualmente conseguimos ver. E é esse trabalho que tem surgido, e que eu penso que vai trazer frutos daqui a uns anos, nós vemos no Shortcutz malta novinha, temos um público muito diverso, mas por vezes tinha lá miúdos com, não vou chamar miúdos, porque já são adultos, de 20 anos, com vontade de ver um tipo de cinema, que não é habitual naquele público, pelo menos aqui na região. E isso, é esse trabalho que está a ser todo feito, e eu concordo novamente e reforço que precisamos desses espaços assim, precisamos desse investimento de espaços de formação e investimento na educação para as artes, e principalmente no nosso caso para o cinema.

André Moniz Vieira

Tem um comentário da Diana Serrão que diz:

Já existe formação em cinema dentro das instituições.

Javier Santos

Há, é verdade, mas também eu penso que é preciso ser mais trabalhada, mais focada, existe, é um princípio, mas eu penso que é preciso fazer mais, é preciso ir mais além, precisamos ter conteúdo mais montado para um certo

caminho, porque o que nós temos é muito aberto, e por vezes essa abertura, é demasiado grande, não foca naquilo que nós devemos focar. Mas sim, haver há, mas acho que ainda não é suficiente.

André Moniz Vieira

Também existe fora, mas apesar de limitada, acrescenta aqui a Diana Serrão.

Javier Santos

Muito limitada mesmo, ou quase inexistente.

Pedro Pão

Há algo que nós temos cá, e que acho que é muito positivo, é o plano nacional de cinema, em algumas escolas. É porque fazer os eventos, como o Javier estava a dizer, concordo perfeitamente é formação de públicos, mas pelo menos da minha perceptiva, estamos a atingir uma faixa etária mais superior ao desejado. O pessoal mais novo, o pessoal que está nas escolas, tem que ter contacto o mais cedo com este tipo de coisas, a minha relação emocional com o cinema, começou em miúdo, eu vivia no Funchal, os miúdos agora já não temos cinemas nenhuns no Funchal, temos cinemas alguns, não temos aquelas salas todas que tínhamos, que eram mais do que oito talvez, o PNC tem feito coisas muito elogiáveis, como por exemplo, sessões especiais para alunos, fizeram com o filme do João Botelho o “Ano da morte de Ricardo Reis”, e sei que pelo menos quatro turmas lá estavam. O que é quatro turmas? É um princípio, mas ao menos alguém já está a fazer alguma coisa em alguns locais, e agora é pegar no que está bem feito,

e criar condições para o que está bem feito, poder continuar a ser feito, porque parece simples levar vinte turmas ao cinema, mas não é, é preciso transporte, é preciso outras coisas que às vezes não há incentivos suficientes para que se agilize, mas que é preciso começar a reconhecer a importância do cinema, para levar a que as pessoas tenham mais facilidade em obter o que precisam, para aproveitar estas oportunidades como estas sessões que eu referi.

André Moniz Vieira

Exatamente. Eu também propunha um apoio específico à produção deste tipo de conteúdo áudio visual visto que pessoalmente, estive à procura de alguns apoios recentemente e reparei que a Dgartes estava a aceitar também propostas da Madeira, aceitavam de tudo, menos literatura e cinema, portanto...

Javier Santos

Sim, existe isso. Mas para além disso, e os apoios que há da Dgartes e eu conheço alguns, há grandes dificuldades, e eu lembro de ter estado à coisa de um ano e tal, dois anos com os realizadores que foram finalistas do Shortcutz Funchal do ano passado, aliás, desculpem, de há dois anos, eles vieram cá à Madeira e eles falavam da dificuldade que eles próprios tinham para ter o financiamento, porque há pouco financiamento para muita gente, essa é logo uma dificuldade, e depois a nível local, por exemplo, e aqui manifestando também o trabalho que é feito pela Câmara e isto há que dizê-lo, que há um trabalho também de apoio para algumas produções e eventos aqui na Madeira, e acho que isso já é um princípio, adicionando a tudo o resto que já foi falado, são pequenos apoios mas que já dão para

começar e conseguir criar mais, e conseguirmos também termos mais eventos para o público regional, mas lá está, aqui na Madeira, acho que, e tocando outra vez, acho que não há uma oferta formativa direcionada para o cinema. Temos é pequenas coisas, pequenos acontecimentos como o Pedro estava aqui a dar o exemplo e bem, mas é preciso mais, é preciso talvez escolas profissionais, a trabalhar profissionalmente e com condições para, é preciso as universidades também abrirem esses espaços para esse tipo de formação que é importante e por vezes, eu vou acrescentar aqui mais uma coisa, que acho que, e em conversas, e nós a promover o Shortcutz , depois vamos falando com várias pessoas, às vezes há uma limitação do ser ilhéu e acho que isso é um erro muito grande, o olhar de “cá é difícil de fazer porque estamos aqui metidos numa ilha”. Mas eu acho que não é difícil, temos as oportunidades como os outros têm, talvez não temos é o espaço geográfico para explorar, como se tem no continente, porque para escrever um guião, não é preciso viver no continente, ou num outro país, para saber trabalhar bem a fotografia, para saber filmar bem também não é preciso estar num outro sítio, é preciso é ter ideias, e é preciso trabalhar e desenvolver o trabalho, trabalho, trabalho, para conseguir aperfeiçoar, e isso, todos conseguimos fazer, não há essa limitação e muitas vezes existe isso nas cabeças, que é as pessoas pensam que estão limitadas pelo espaço geográfico, e não, não é verdade.

Bernardo Nascimento

Eu concordo contigo quanto a desvalorizarem essa limitação geográfica em absoluto, agora aquilo que, agora as coisas funcionam por osmose e tu não podes aprender a filmar maravilhosamente, ou razoavelmente, se não tiveres perto de ti quem te ensine, e nesse sentido, volto à coisa da academia e da instrução, estou inteiramente de acordo que é..., a distribuição está

democratizada, começamos por aí no princípio da conversa, e isso ajuda muito, agora a produção, os miúdos só estando em contacto com quem lhes ensine é que vão conseguir e vão poder aprender e desenvolver, portanto, eu tenho uma esperança muito grande que se possa ensinar, que possa haver a nível regional, uma aposta cada vez maior na educação nessa forma de expressão.

Isto era um pouco para resumir a minha proposta, uma ótima ideia do Carlos, de tentarmos pôr coisas proativas em cima da mesa, e um bocadinho, eu peço desculpa, eu tenho de sair, é um bocadinho anti-climático, mas eu tenho de facto de sair, esta nossa conversa era para ser das seis às sete, estamos aqui a esticar um bocadinho, mas recebi agora uma mensagem, não consigo mesmo estender mais. Tinha muito gosto em que continuássemos a conversa, se porventura os que ficarem marcarem outra, se me quiserem cá, eu volto.

Carlos Melim

Queremos queremos, temos de marcar uma parte II.

André Moniz Vieira

Acho que é mesmo necessário, porque esta conversa tem muito muito para discutir e para falar, certamente.

Muito obrigado a todos, obrigado a todos os que tiveram a ver através do facebook live, obrigado ao Javier, ao Pedro, ao Carlos e ao Bernardo por nos terem proporcionado esta conversa espetacular, e quem sabe uma segunda parte, vamos a ver.

Muito obrigado e boa noite.